

# TIPOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICAS DOS ELEMENTOS PREFIXAIS EM PERSPECTIVA HISTORICOCÊNTRICA<sup>1</sup>

---

SEMANTIC TYPOLOGY AND CLASSIFICATION OF  
PREFIXAL ELEMENTS IN A HISTORICAL CENTRIC  
PERSPECTIVE

Mailson Lopes<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** Este artigo incide sobre a semanticidade (ou assemanticidade) dos elementos prefixais, com o delineamento de uma proposta tipológica de categorias a respeito, configuradora de um *continuum* morfossemântico, sensível a aspectos histórico-diacrônicos. Tal escala abarcaria pelo menos quatro tipos de formativos, numa gradiência que iria de um maior semanticismo até um desbotamento, indeterminação ou ausência de tal propriedade. Além do estabelecimento dessa tipologia tétrade, traz também o artigo uma proposta de classificação dos prefixos prototípicos (semantizados), com base na apreciação de dados empíricos do português e na revisitação à literatura morfológica. O estudo finca-se em pautas da morfologia descritiva, assumindo também princípios da linguística cognitiva, como a não-modularidade, a escalaridade e a interfacialidade entre estruturas, fenômenos e operações constitutivos da língua.

Palavras-chave: Morfossemântica; Prefixação; *Continuum* semântico prefixal.

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta algumas reflexões desenvolvidas por Lopes (2018) em seu estudo de doutoramento, tracejadas em um dos capítulos de sua tese inédita, mas apresentando adições, supressões, revisões e reformulações avaliadas como necessárias e pertinentes.

<sup>2</sup> mailson.lopes@ufba.br

---

**Abstract:** *This article focuses on the semanticity (or assemanticity) of prefixal elements, it outlines a typological proposal of categories in this matter, configuring a morphosemantic continuum that is sensitive to historical-diachronic aspects. Such a scale would include at least four types of formative elements, in a gradient ranging from greater semanticism to fading and indeterminacy or absence of such property. In addition to the establishment of this tetrad typology, the article also presents a proposal for the classification of prototypical prefixes (semanticized), based on the evaluation of empirical data in Portuguese and the revisitation of morphological literature. The study is based on guidelines of descriptive morphology, also assuming principles of cognitive linguistics, such as non-modularity, scalarity and interfaciality between structures, phenomena and operations that constitute the language.*

Keywords: *Morphosemantics; Prefixing; Prefixal semantic continuum.*

## INTRODUÇÃO

Qualquer proposta de caracterização do fenômeno prefixal que carregue consigo a pretensão de ser absoluta, universal e definitiva cairá inevitavelmente nas malhas da simplificação oca e do insucesso manifesto, devido, principalmente, à própria natureza caleidoscópica desse objeto teórico, que é multiface, proteiforme e cambiante, trazendo em seu interior unidades de comportamento variável e multidirecional e operações de funcionamento inomogêneo, ambos de fronteiras borrosas. Munindo-nos de tal consciência, desejamos delinear neste artigo uma proposta inicial de estabelecimento da tipologia dos formantes afixais da margem esquerda vocabular quanto à sua semanticidade, perscrutando o seu comportamento na língua portuguesa, sobretudo ao considerar derivados de seu período contemporâneo.

Consiste, assim, num estudo que visa a estabelecer uma proposta de classificação semântica para as principais unidades envolvidas na adjunção prefixal, baseando-se tanto em dados empíricos quanto na apreciação da literatura morfológica. Quando possível e necessário, as pautas de caracterização semântica da prefixação contemplarão também o comportamento histórico-diacrônico das unidades que lhe são concernentes, em seu fluxo evolutivo do latim ao vernáculo (arcaico e moderno), a fim de chegarmos a uma visão

---

panorâmica do fenômeno, que considera, desse modo, a historicidade inerente ao fenômeno linguístico.

Sendo assim, interessa-nos neste artigo uma visão mais dinâmica dos elementos e operações morfológicos, considerando a sua historicidade — a língua é, *per se*, um objeto histórico — e os analisando como partícipes de escalas gradientes. Essa postura parece justificar-se por coadunar-se de modo mais verossímil à realidade empírica, apartando-se de uma visão cerrada, discreta, para abraçar uma visão mais fluida, mais aberta. Para essa linha de análise (subsidiada tanto por pautas da morfologia descritiva quanto por postulados da linguística cognitiva), não se mostra essencial uma determinação de fronteiras impermeáveis para as subcategorias de unidades prefixais ou entre prefixos e temas greco-latinos, por exemplo, visto que todas essas unidades podem desempenhar função semelhante, ocupando igual posição na construção vocabular e podendo figurar em esquemas formativos análogos, dada a sua fluidez e dinamicidade.

Embora seja resvaladiça a classificação das unidades afixais que ocupam a primeira posição intralexical, devido ao caráter difuso das fronteiras entre prefixo, prefixoide, pseudoprefixo, composto, *splinter* etc., pensamos que é possível sistematizar uma tipologia para tais partículas, que atuam nas formações prefixadas, sob a forma de um *continuum*. Tal proposta, contudo, não deixa de ser ousada e abstrusa, pois tem como escopo abarcar uma gama heterogênea de elementos, cuja origem e significação veiculada (ou não) variam em termos complexos, definindo uma tipologia classificatória multifacética.

Creemos que tal compreensão da prefixação e de suas unidades correspondentes é mais convincente do que aquela delineada sob uma ótica modular estrita, já que nem todos os elementos e operações prefixais mantêm o mesmo comportamento semântico, funcional, formal ou gramatical. A consideração da origem, fluxo diacrônico e semântica de tais unidades dá

---

margem à proposição de pelo menos dois *continua* prefixais tétrades, que mantêm fortes e constantes ligações entre si, com uma repartição (fluida) entre pelo menos as seguintes categorias: (i) quanto à informação semântica veiculada: inexpletivos, distintivos, opacos, expletivos; (ii) quanto à origem, diacronia e grau de gramaticalização: prefixos propriamente ditos, prefixos-base, pseudoprefixos, prefixoides. É justamente o primeiro *continuum* o objeto de nossa reflexão neste texto, ficando o segundo para uma publicação futura.

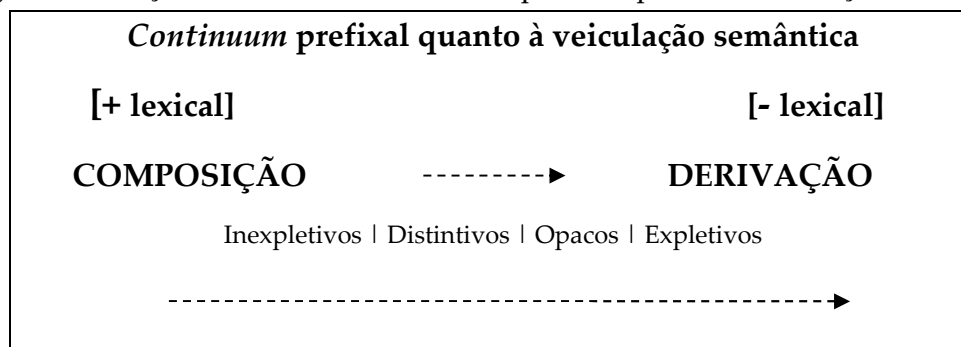
## 1 CONTINUUM SEMÂNTICO PREFIXAL

Como aponta Lopes (2013), é consensual entre os linguistas o juízo de que o plano do significado é algo escorregadio, que se espraia por todos os demais âmbitos do sistema linguístico e que envolve questões amplas e intrincadas. Sendo assim, se um estudo do significado já se mostra implexo aquando da sua observação em elementos e estruturas da língua de um recorte sincrônico contemporâneo, mais ainda o é quando se atrela a estágios pretéritos do sistema linguístico (LOPES, 2013). Como acertadamente pondera Viaro (2011, p. 120), nesse último caso, sempre “[...] lidamos com reconstruções e, necessariamente, nossas certezas precisam ser relativizadas.”. O estudo da semântica histórica, o rastreamento de sentidos em formas linguísticas do passado e das mutações diacrônicas na significação dos fatos de língua é algo absolutamente intrincado, resvaladio, labirintado, não licenciando mais do que conjecturas e ilações sobre o objeto investigado. Daí que chegue Lopes (2013) às seguintes conclusões:

Se se mostra como algo difícil de precisar as teias de significação que irradiam dos vocábulos em sincronias hodiernas, se mais ainda intrincada é a sua determinação em lexias de estágios passados da língua, chega-se ao cúmulo da complexidade ao tentar rastreá-las em elementos mórficos de fases recuadas da história da língua, dada a própria complexidade que emerge do estabelecimento dessa aproximação diacrônica. (LOPES, 2013, p. 252)

É, portanto, sem qualquer pretensão infundada, que propomos um esquema semântico geral, gradiente e tétrade, para as unidades afixais da margem esquerda do vocábulo, aplicável a formações prefixadas geradas no devir histórico da língua portuguesa (do período arcaico ao contemporâneo), constituído pelos inexpletivos, distintivos, opacos e expletivos:

Figura 1: Esboço de um *continuum* mórfico prefixal quanto à veiculação semântica



Fonte: Lopes (2018, p. 250)

A primeira classe de formantes prefixais engloba os inexpletivos, que seriam aqueles morfemas da margem esquerda vocabular possuidores de uma carga semântica depreensível (muitas vezes até mesmo por via da composicionalidade), como, por exemplo, os segmentos destacados nos vocábulos *anormalidade*, *codiretor*, *descascar*, *imerecidamente*, *redistribuição*, *transbordar* e *sublingual*.

Os distintivos, por sua vez, ainda que não comportem um significado em si mesmos, possuem-no como função contrastiva dentro de uma família lexical, servindo para marcar a diferenciação entre derivados congêneres, comumente constituídos por bases igualmente fósseis, como *-ceb-* (*conceber*, *perceber*, *receber* etc.) e *-mit-* (*admitir*, *demitir*, *permitir* etc.), por exemplo.

Já os opacos são aqueles que, embora atualmente asemânticos, apresentavam alguma semantividade em sincronias pretéritas, algo recuperável através de incursões diacrônicas, que geralmente retrocedem até o latim ou o grego. O processo de opacidade nos formativos liga-se a fluxos históricos de

---

paulatina erosão do conteúdo, tornando-os destituídos de transparência semântica. Isso explica o fato de os prefixos opacos geralmente figurarem em formas herdadas, sendo de constituição morfológica bastante recuada. Exemplos de unidades prefixais semanticamente opacas seriam o *ad-* em *advertência*, o *ob-* em *obcecado* e o *per-* em *persuadir*.

Por fim, os expletivos são os formativos que não parecem oferecer acréscimos semânticos às bases a que se acoplam. São, assim, destituídos de qualquer carga semântica identificável ou recuperável (daí se diferenciarem dos opacos, cuja carga semântica, ainda que não transparente, é recuperável através de uma recorrência à etimologia). São expletivos, por exemplo, o *a-* em *aparafusar* (sinônimo de *parafusar*) e o *e-* em *emoldurar* (sinônimo de *moldurar*).

Buscaremos, nas próximas seções, comentar cada uma dessas quatro categorias de nossa proposta de *continuum* semântico para os prefixos, com base na empiria e em revisitações a estudos linguísticos que abordaram a formação de palavras em geral ou a prefixação em particular.

## 2 PREFIXOS INEXPLETIVOS (OU SEMANTIZADOS)

A primeira classe de formantes prefixais engloba os inxpletivos, que, como já apontado, seriam aqueles morfemas da margem esquerda vocabular possuidores de uma carga semântica depreensível (muitas vezes até mesmo por via da composicionalidade). Constituem, portanto, a categoria prefixal prototípica no que tange ao conteúdo, sendo unidades afixais da margem esquerda que veiculam noções semânticas gerais (ubicação, movimento, negação, intensificação etc.), de modo explícito e subsidiário.

Os produtos lexicais arrolados como exemplos para os formantes dessa categoria na seção anterior permitem que cheguemos à ilação de que o termo *inxpletividade* rotula uma realidade geral, a veiculação efetiva de conteúdo, algo

---

disposto e distribuído (categorizado, classificado) gradientemente (RIO-TORTO, 2016) e que pode se manifestar através de diversos matizes, instanciados em contextos enunciativo-pragmáticos particulares (NUNES, 2005).

A taxonomia do espectro semântico dos itens prefixais é algo de difícil sistematização, pois nem sempre é possível adscrever todas as acepções que veiculam em categorias e subcategorias fixas e inquestionáveis, já que há subvalores prefixais que parecem não depender exclusivamente das unidades da margem esquerda vocabular, mas sim, de características semânticas específicas da base a que se agregam ou do próprio contexto linguístico ou extralinguístico em que se incrustam (RODRÍGUEZ PONCE, 2002). Além disso, há prefixos que podem ser coerentemente encaixados em diferentes grupos semânticos e funcionais (ÁLVAREZ; XOVE, 2002). Daí haver tantas diferenças (embora concomitantes a várias similitudes) nas categorizações propostas pelos morfólogos e gramáticos.

Devemos levar em conta que, em geral, muito da diferenciação entre as propostas de classificação semântica dos prefixos deve-se ao fato de terem escopos e limites diferentes, específicos, pois nem todas objetivam captar todo o espectro prefixal, havendo as que só se fincam nos prefixos mais produtivos ou mais prototípicos ou nas classes semanticamente mais robustas. O nível de detalhamento, expressado pelo delineamento de subcategorias, é também variável. Além disso, há o uso de termos distintos para designar uma mesma classe ou subclasse semântica, contrastando-se de um autor a outro, ou mesmo fusões de categorias taxonomicamente dispostas.

É interessante o que comenta Stehlík (2011, p. 40) sobre a classificação dos elementos prefixais a partir de uma perspectiva focada em domínios/campos semânticos, abarcando uma breve avaliação sobre o que tem de vantajoso e de problemático. Vale a pena reproduzir o excerto em que traz tal observação:

---

Em suma, de todos os enfoques de classificação disponíveis, o critério semântico é indubitavelmente o mais utilizado para apresentar de modo estruturado o inventário dos elementos prefixais. A pesar das diferenças entre as propostas de classificação existentes, que concernem tanto ao número de campos semânticos estabelecidos quanto à sua estruturação interna, pode-se dizer que os esquemas propostos desde fins dos anos 90 conseguem cobrir todos os significados fundamentais dos prefixos. Mais problemática é a determinação dos subgrupos dos campos básicos, já que a interpretação dos matizes semânticos que os prefixos podem veicular em combinação com diferentes tipos de bases traz consigo certa subjetividade e não sempre justifica a criação de uma subclasse para um único morfema ou com o fim de abarcar usos esporádicos de alguns prefixos concretos. (STEHLÍK, 2011, p. 40, tradução nossa)<sup>3</sup>

Estabelecemos no quadro a seguir um bosquejo de sistematização geral para os sentidos prefixais, sendo uma revisão integral do adotado por Lopes (2018; 2013), pautado, por sua vez, nas propostas classificatórias de Rio-Torto (2016), Nunes (2005), Varela e Martín García (1999) e a da *Nueva Gramática de la Lengua Española – NGLE* (RAE; AALE, 2009). Apesar de o elenco dos sentidos ter se baseado nessas obras, houve diversas modificações, interpretações e rearranjos, visando a uma maior sistematicidade e precisão terminológica.

Trata-se de todo o espectro semântico que nos pareceu detectável para a língua portuguesa em seu devir histórico, o que não significa que se aplique integralmente a cada uma das épocas de tais sistemas (um sentido pode estar ativo numa sincronia e não em outra). Ainda que o Quadro 1 contemple apenas exemplos e categorias para o português, cabe apontar que suas classes e

---

<sup>3</sup> No original: *En resumen, de todos los enfoques de clasificación disponibles, el criterio semántico es indudablemente el más utilizado para presentar el inventario de los elementos prefijales de una manera estructurada. A pesar de las diferencias entre las propuestas de clasificación existentes que conciernen tanto al número de campos semánticos establecidos como a su estructuración interna, se puede decir que los esquemas propuestos desde los finales de los años 90 consiguen cubrir todos los significados fundamentales de los prefijos. Más problemática es la determinación de los subgrupos de los campos básicos, ya que la interpretación de los matices semánticos que pueden aportar los prefijos en combinación con diferentes tipos de bases conlleva cierta subjetividad y no siempre está justificado crear una sub-clase para un único morfema o con el fin de abarcar usos esporádicos de algunos prefijos concretos.*



subclasses parecem aplicar-se, com ligeiras modificações, ao espanhol e ao galego.

Quadro 1: Classificação semântica geral dos elementos afixais da margem esquerda vocabular

– CLASSES E SUBCLASSES SEMÂNTICAS DAS PARTÍCULAS PREFIXAIS – PROPOSTA DE UMA ESQUEMATIZAÇÃO GERAL PARA O PORTUGUÊS	
<b>1. ESPACIAIS</b>	
POSIÇÃO INTERIOR	<i>intra-</i> (intracelular); <i>endo-</i> (endogamia)
POSIÇÃO EXTERNA	<i>extra-</i> (extraclasse); <i>exo-</i> (exoesqueleto)
POSIÇÃO INFERIOR	<i>infra-</i> (inframedíocre); <i>soto-</i> (soto-pôr); <i>sub-</i> (submarino)
POSIÇÃO SUPERIOR	<i>sobre-/super-</i> (sobredente, superpor); <i>supra-</i> (suprarrenal); <i>suso-</i> (susonomeado)
POSIÇÃO MEDIAL	<i>entre-/inter-</i> (entreaberto, interdisciplinaridade)
POSIÇÃO ANTERIOR	<i>ante-</i> (anteboca); <i>pré-</i> (pré-dorso); <i>pro-</i> (proscênio)
POSIÇÃO AQUÉM DE	<i>aquém-</i> (aquém-fronteiras); <i>cis-</i> (cisalpino)
POSIÇÃO ALÉM DE (temporal, espacial ou nocional)	<i>além-</i> (além-mar); <i>preter-</i> (preternatural); <i>trans-</i> (transandino); <i>ultra-</i> (ultramar)
POSIÇÃO POSTERIOR	<i>pos-</i> (pós-palato); <i>re-</i> (recâmara); <i>retro-</i> (retrovisor); <i>trans-</i> (traspilar)
POSIÇÃO AO REDOR	<i>circum-</i> (circunlunar); <i>peri-</i> (periodontal)
MOVIMENTO PARA DENTRO	<i>en-</i> (enlatar); <i>intro-</i> (introvertido)
MOVIMENTO PARA FORA	<i>es-/ex-</i> (espraiar, excêntrico)
MOVIMENTO OU POSIÇÃO ATRAVÉS DE	<i>dia-</i> (diageracional); <i>per-</i> (percutâneo); <i>trans-</i> (transnoitar)
MOVIMENTO PARA FRENTE	<i>pro-</i> (propulsar)
MOVIMENTO PARA TRÁS	<i>ana-</i> (anacrônico); <i>re-</i> (refluir); <i>retro-</i> (retroceder)
MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO	<i>de-</i> (defluxo)
MOVIMENTO DE BAIXO PARA CIMA	<i>ana-</i> (ânodo); <i>sub-</i> (sublevar)
MOVIMENTO DE UM LADO A OUTRO	<i>trans-</i> (transiberiano)
CONTIGUIDADE (espacial ou metafórica)	<i>ab-</i> (absogro); <i>ad-</i> (adjazer); <i>com-</i> (consogro); <i>contra-</i> (contraparente); <i>sub-</i> (subtropical)
COMPANHIA	<i>com-</i> (comensal)
APROXIMAÇÃO	<i>ad-</i> (advento); <i>en-</i> (encostar(-se))
AFASTAMENTO	<i>a-</i> (amover)
DISTÂNCIA	<i>tele-</i> (telecomando)
INVERSÃO	<i>ana-</i> (anagrama)
SEPARAÇÃO (por vezes se confundindo com 'extração' ou 'privação')	<i>ab-</i> (abscidar); <i>de-</i> (decepar); <i>des-</i> (descascar); <i>dis-</i> (disjunção); <i>es-</i> (esgalhar)

2. TEMPORAIS	
POSIÇÃO ANTERIOR (anterioridade temporal ou estado anterior)	<b>ante-</b> (antemanhã); <b>ex-</b> (ex-presidente); <b>pré-</b> (pré-aquecer); <b>pro-</b> (pródromo)
POSIÇÃO POSTERIOR (posterioridade temporal)	<b>pos-</b> (pós-doutorado); <b>trans-</b> (trasantontem)
POSIÇÃO MEDIAL (posição intermediária quanto ao tempo)	<b>entre-/inter-</b> (entreguerras, interglacial)
POSIÇÃO EXTERNA (‘fora do tempo’)	<b>des-</b> (destempo)
MOVIMENTO PARA TRÁS	<b>re-</b> (rememorar); <b>retro-</b> (retro-operante)
MUDANÇA	<b>trans-</b> (transfigurar)
DURAÇÃO	<b>per-</b> (pervígil)
CONCOMITÂNCIA	<b>com-</b> (cotutor)
TRANSMISSÃO	<b>sub-</b> (subarrendar)
SUBSTITUIÇÃO (por vezes, associado ao sentido de ‘inferioridade (hierárquica)’)	<b>contra-</b> (contramestre); <b>pro-</b> (procônsul); <b>soto-</b> (soto-mestre); <b>sub-</b> (subprior); <b>vice-/vis-</b> (vice-diretor)
EXTINÇÃO	<b>ab-</b> (abirritar); <b>des-</b> (desoprimir)
3. QUANTIFICADORES	
INDETERMINATIVOS	<b>multi-</b> (multiuso); <b>pluri-</b> (pluricelular); <b>poli-</b> (polimorfo)
DETERMINATIVOS	<b>mono-</b> (monossilabo); <b>uni-</b> (unicaule); <b>bi-</b> (bipolar); <b>ambi-</b> (ambivalente); <b>tri-</b> (trimotor); <b>tetra-</b> (tetraplégico)
4. ESCALARES	
INTENSIFICADORES (em alguns derivados, com o sentido de ‘reforço’)	<b>arqui-</b> (arquicélebre); <b>bem-</b> (bem-aventurança); <b>contra-</b> (contramuro); <b>de-</b> (dessudação); <b>ex-</b> (exabundância); <b>extra-</b> (extrafino); <b>mal-</b> (malferir); <b>per-</b> (persentir); <b>re-</b> (recontente); <b>super-</b> (supercivilizado); <b>supra-</b> (supracondutor); <b>trans-</b> (tressuar)
DIMENSIONAIS OU QUANTIFICATIVOS	<b>hiper-</b> (hipermercado); <b>macro-</b> (macromolécula); <b>maxi-</b> (maxidesvalorização); <b>mega-</b> (megainvestidor); <b>menos-</b> (menosprezar); <b>semi-</b> (semiesfera); <b>de-</b> (decrecer); <b>micro-</b> (microcefalia); <b>mini-</b> (minidicionário)
QUALITATIVOS	<b>ab-</b> (abusar) <sup>4</sup> ; <b>des-</b> (deslinguado); <b>en-</b> (endinheirado); <b>arce-/arqui-</b> (arcebispo, arquiconfraria); <b>hiper-</b> (hiperativo); <b>sobre-/super</b> (superdotado, sobrepeso); <b>ultra-</b> (ultraconservador); <b>semi-</b> (semi-seco); <b>supra-</b> (supradivino); <b>infra-</b> (infravaloração); <b>hipo-</b> (hipocalórico); <b>sub-</b> (subestimar)

<sup>4</sup> Nesta subcategoria, nos exemplos em *ab-*, *des-* e *en-*, tais prefixos veiculam uma noção de ‘excesso’. Tivemos dúvidas se seria conveniente criar uma subcategoria (EXCESSO) e mais dúvidas ainda onde ela figuraria (em Escalares?). Resolvemos deixá-la na subseção dos Qualitativos, dentro, por sua vez, da macrosseção dos Escalares.

<b>5. MODAIS</b>	
POSITIVO	<i>bem-</i> ( <i>bem-criado, benfeitor</i> )
NEGATIVO	<i>mal-</i> ( <i>malcriado</i> ); <i>des-</i> ( <i>desserviço</i> )
PARCIAL	<i>entre-</i> ( <i>entrecocer</i> ) <sup>5</sup> ; <i>mal-</i> ( <i>mal-assado</i> ); <i>semi-</i> ( <i>semi-interno, semitransparente</i> ); <i>sub-</i> ( <i>subcapilar</i> )
ENTRE VÁRIOS	<i>inter-</i> ( <i>interescolar</i> ) <sup>6</sup>
<b>6. ASPECTUAIS</b>	
ITERAÇÃO	<i>ana-</i> ( <i>anatocismo</i> ); <i>es-</i> ( <i>esmurrar</i> ); <i>re-</i> ( <i>reconstruir</i> )
RECIPROCIDADE	<i>entre-/inter-</i> ( <i>entrechocar, interlocução</i> )
REFLEXÃO	<i>auto-</i> ( <i>autossuficiente</i> )
<b>7. NEGATIVOS</b>	
PROPRIAMENTE DITOS	<i>a(n)-</i> ( <i>acatólico</i> ); <i>ab-</i> ( <i>absímile</i> ); <i>des-</i> ( <i>desagradar</i> ); <i>dis-</i> ( <i>díspar</i> ); <i>in-</i> ( <i>inalterável</i> ); <i>mal-</i> ( <i>malcontente</i> ); <i>não-</i> ( <i>não alfabetizado</i> ); <i>trans-</i> ( <i>transcurar</i> )
REVERSÃO	<i>des-</i> ( <i>descosturar</i> )
PRIVAÇÃO	<i>a(n)-</i> ( <i>afônico</i> ); <i>ana-</i> ( <i>anacoreta</i> ); <i>de-</i> ( <i>deformar</i> ); <i>des-</i> ( <i>desconfiança</i> ); <i>ex-</i> ( <i>exânime</i> ); <i>in-</i> ( <i>impaciência</i> ); <i>sem-</i> ( <i>sem-amor</i> )
PROTEÇÃO CONTRA	<i>anti-</i> ( <i>anti-gás</i> )
PREVENÇÃO CONTRA	<i>anti-</i> ( <i>anti-convulsivo</i> )
OPOSIÇÃO	<i>anti-</i> ( <i>anticlerical</i> ); <i>contra-</i> ( <i>contraveneno</i> ); <i>re-</i> ( <i>relutar</i> )
<b>8. DE IDENTIDADE</b>	
SEMELHANÇA	<i>ana-</i> ( <i>analogia</i> )
<b>9. DE POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO</b>	
POSIÇÃO FAVORÁVEL	<i>pró-</i> ( <i>pró-britânico</i> )
POSIÇÃO DESFAVORÁVEL	<i>anti-</i> ( <i>antiamericanismo</i> )

Fonte: Elaboração própria

Da nossa proposta de uma taxionomia semântica dos elementos prefixais, bem como de várias outras consultadas (RIO-TORTO, 2016; NUNES, 2005; VARELA; MARTÍN GARCÍA, 1999; LANG, 1992; LIEBER, 2005 etc.), é possível apreender a centralidade dos sentidos das macroclasses semânticas ‘espaciais’ e

<sup>5</sup> Tivemos dúvidas se essa acepção de ‘parcialidade nocional’ (que não é nem temporal nem espacial) deveria constar da macrosseção dos MODAIS. Por não encontramos outra categoria para encaixá-la, alocamo-la nesse grupo.

<sup>6</sup> Dúvida semelhante nos ocorreu a respeito dessa acepção de ‘entre vários’, se deveria participar da macrosseção dos MODAIS. Como não encontramos outra categoria para encaixá-la, inscrevemo-la nesse grupo.

---

‘temporais’, presentes em todas as propostas, sendo as que possuem mais subcategorias e detalhamentos naquelas mais exaustivas. Parece haver uma explicação para isso, tomada de Santana (2007), que se baseou, por sua vez, em Vilela (1994): como os prefixos comumente mantêm traços dos elementos prepositivos e adverbiais de que provieram, formas essas que primam pela veiculação de sentidos atinentes aos domínios espaço-temporais, é compreensível que tais unidades afixais conservem preferentemente esses sentidos e disso decorre a recorrência e saliência de acepções desses macrocampos semânticos.

Não é supérfluo ressaltar que inúmeras dificuldades emergem na delimitação dos sentidos que os prefixos inxpletivos apresentam em produtos léxicos, mormente em sincronias temporalmente recuadas. Um exemplo que ilustra essa situação é a atmosfera dubitativa que circunda a precisão da carga semântica dos prefixos negativos no galego-português do séc. XIV, como o *des-* e *in-*, como o aponta Lopes (2016):

Os dicionários, manuais e publicações mais específicas de morfologia (tanto para o português como para o castelhano e o galego) demarcam sempre ‘negação’, ‘oposição’, ‘privação’ como matizes semânticos desses formativos, mas muitas vezes indefinidamente, quando se sabe que são três nuances distintas, ainda que muito próximas. Possivelmente, o problema se centra nessa constatação, pois é difícil precisar se *infiel* é parafraseável por ‘não fiel’, por ‘oposto ou adversário a fiel’ ou por ‘o que não tem fé ou fidelidade’; ou em *desnuada*, que pode ser entendida como ‘não coberta’, ‘resultante da ação de despir-se’, ‘privada do que cobria ou protegia’. Na verdade, tanto num caso como no outro, o que parece haver é um sema hierarquicamente superior ou dominante que denota o sentido geral de ‘negação’, que se atualiza, na instanciamento dos produtos lexicais, como valores mais específicos, muitas vezes contíguos ou mesmo indistintos, como ‘negação pura’, ‘oposição’, ‘privação’, ‘separação’, ‘ação contrária’ etc. (LOPES, 2016, p. 243)

Não raras vezes, as extensões e especificações de sentido, bem como obnubilações produzidas pela dificuldade em se rastrear proficuamente a

---

semântica encapsulada em partículas prefixais em funcionamento na língua de hoje e de outrora, acabam por restringir a capacidade de análise do morfólogo, de modo que este se debruça sobre a semântica histórica prefixal de forma análoga ao observador de um barco longínquo, à deriva, que traça um percurso que não é completamente distinguível, pese a forte aspiração de rastreá-lo (MACHADO FILHO, 2004).

### 3 PREFIXOS DISTINTIVOS

Retomando o *continuum* semântico dos prefixos, após os inpletivos, desponta a categoria dos distintivos, formantes cuja carga semântica reside em uma espécie de potencial contrastivo, perceptível aquando da comparação de dado derivado com outros de uma mesma série lexical. Seria o caso de *receber*, quando comparado com *conceber* ou *perceber*; *atribuir*, quando comparado a *contribuir*, *distribuir*, *retribuir*; *aferir*, quando comparado com *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *disferir*, *preferir*, *proferir*, *referir*, *transferir*; *admitir*, quando comparado com *demitir*, *permitir*, *remitir* e *transmitir*.

Outras séries de derivados prefixados cujos antepositivos e/ou bases léxicas mostram-se semanticamente opacizados e/ou morfológicamente não-analisáveis (sob uma condução sincronicista), figurando em paradigmas léxicos, são os que seguem, expostos pela NGLÉ (RAE; AALE, 2009, p. 665-666) para o espanhol, mas aqui vertidos para o nosso vernáculo (paralelismo que corrobora a semelhança nos fluxos históricos constitutivos do universo morfolexical desses dois sistemas linguísticos): -BATER: *abater*, *combater*, *debater*, *rebater*; -CEDER: *aceder*, *anteceder*, *conceder*, *exceder*, *preceder*, *proceder*; -CORDAR: *acordar*, *concordar*, *discordar*, *recordar*; -DUZIR: *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *produzir*, *reduzir*, *traduzir*; -FUNDIR: *confundir*, *difundir*, *infundir*, *refundir*, *transfundir*; -PARAR: *aparar*, *comparar*, *deparar*, *disparar*, *preparar*,

---

*reparar*; -POR: *apor, compor, depor, expor, prepor, propor, transpor, supor*; -SCRIBIR: *adscrever, circumscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, subscrever, transcrever*; -SUMIR: *assumir, consumir, presumir, resumir, subsumir*.

No que se refere a vocábulos constituídos por prefixos e bases fósseis, mesmo que desejássemos assumir tais formas como primitivas (a partir de um olhar estritamente sincrônico), seríamos impelidos a destacar o papel distintivo assumido pelos elementos mórficos iniciais (prefixos) ao se agregarem a formas recorrentes como *-ceb(er)*, *-duz(ir)* e *-mit(ir)* e várias outras elencadas nos dois parágrafos precedentes.

Em todos esses casos — é o que consideramos, em concordância com Pena (1995) —, o formante prefixal já não veicula um significado constante na sincronia contemporânea do vernáculo — na verdade, desde as arcaicas, tanto para o galego-português quanto para o castelhano, segundo as investigações de Lopes (2018; 2013) —, funcionando meramente como uma unidade que permite diferenciar os significados de vocábulos pertencentes a um mesmo paradigma lexical. Trata-se do efeito de uma dessemantização, tendência na língua para os morfemas (PENA, 1995), tanto os afixais quanto os radicais. De fato, se observamos os exemplos, notamos imediatamente que o caráter meramente distintivo do prefixo tem plena relação com o fato de estar aderido a bases lexicais dessemantizadas, sendo um e outro frutos de processos diacrônicos.

Sob certo ângulo, distintivos e opacos se acercam e se confundem, pois os representantes de ambas as categorias não possuem significado componencial. A diferença entre eles radicaria no fato de a identificação morfológica e até mesmo a captação de informação semântica dos primeiros poderem ser processadas sincronicamente, a partir de cotejos paradigmáticos com outros membros corradicais de uma mesma família lexical. Ou seja, os distintivos se deixam entrever como unidades mórficas (possuem, portanto, maior morfematicidade) de modo mais evidente que os opacos propriamente ditos.

---

Uma leitura absolutamente sincronicista provavelmente desconsideraria tais formantes, vendo-os como já integrantes ao radical das lexias nas quais figuram. Aqui, no entanto, devido a uma consideração do fluxo histórico constitutivo das línguas e da sua patente relevância para um entendimento atilado do fenômeno linguístico e da sua manifestação no presente, consideramos a pertinência da apreensão das unidades prefixais com função semântica meramente distintiva em séries lexicais corradicais e a sua inclusão no *continuum* semântico prefixal, como uma das categorias observáveis no universo morfolexical do vernáculo.

#### 4 PREFIXOS OPACOS

A terceira categoria concerne aos opacos, formantes que possuem sentido fossilizado, não apreensível através da composicionalidade, apenas recuperável através de um recurso à diacronia e ao estudo etimológico. São partículas que, indubitavelmente, fazem parte do sistema morfológico vernáculo, mas sob a forma de sedimento genolexical do latim, do grego ou do árabe, tal como nos vocábulos *admoestar*, *adubar*, *ajudar*, *almofada*, *aluguel*, *compunção*, *delgado*, *decretos*, *esconder*, *escuro*, *escusar*, *perdoar*, *pregadores*, *relâmpagos*, entre outros. Os prefixos destacados já se mostravam opacos no período medieval, desde o período primitivo de escrita em romance (LOPES, 2018), o que nos leva a pensar que essa fossilização da informação semântica tenha se dado ainda no latim (vulgar ou medieval), anteriormente, portanto, à formação propriamente dita das línguas românicas.

Como dissemos, em geral, o sentido opaco do prefixo se relaciona diretamente à opacidade semântica da base, à sua aplicação a uma base fóssil, ou seja, quando a base já não é uma forma livre na língua (IACOBINI, 2004), ou quando, mesmo sendo uma forma livre, apresenta uma especialização semântica



---

muito intensa na forma derivada, ou quando há um alto grau de generalidade semântica nesse radical. Em todos esses casos, sem o aporte diacrônico, fica inviável proceder a uma decomponibilidade mórfica do vocábulo (RODRIGUES, 2007) ou reconstituir os sentidos veiculados por seus constituintes no trajeto do processo formativo, já que, na grande maioria dessas ocorrências, as nuances semânticas veiculadas pelos formantes prefixais já não se deixam entrever de modo transparente. Novamente, tudo leva a crer na existência de um processo histórico de dessemantização, evidente na constatação de que:

[...] nem todos os morfemas que pertencem a um paradigma derivativo apresentam algum significado reconhecível: *re-* em *recolher* (*recolher algo do chão*); *-lento* em *suculento*; *-idade* em *especialidade* (como em *a especialidade deste restaurante*); *-mento* em *acampamento* ou *departamento*; ou *en-...-ar* em *enroscar-se*. (RAE; AALE, 2009, p. 26, tradução nossa, grifos no original)<sup>7</sup>

O processo de opacidade nos formativos (e também nas bases), como dito anteriormente, liga-se a fluxos históricos de paulatina erosão do conteúdo, tornando-os destituído de transparência semântica. Isso explica o fato de os prefixos opacos geralmente figurarem em formas herdadas, cunhadas no latim, sendo de constituição morfológica bastante recuada<sup>8</sup>. Formas antigas tendem a lexicalizar-se, a não apresentar transparência semântica ou desenvolver

---

<sup>7</sup> No original: [...] no todos los morfemas que pertenecen a un paradigma derivativo aportan algún significado reconocible: *re-* en *recoger* (*recoger algo del suelo*); *-lento* en *suculento*; *-idad* en *especialidad* (como en *la especialidad de este restaurante*); *-mento* en *campamento* o *departamento*; o *a-...-ar* en *acurrucar*.

<sup>8</sup> Daí considerarmos muito apropriada a denominação proposta por Tournier (1985), *paleomorpheme*, para as bases fósseis (*-ceive* em *receive*, *conceive*, *perceive*, *deceive*) e, por extensão (pensamos nós), também aplicável aos afixos fossilizados, opacos, visto que a sua definição parece cobrir todas as unidades mórficas atingidas por sombras de opacidade: “Um paleomorfema [...] pode ser definido como um segmento que pode ser obtido apenas com base em uma série paradigmática de lexemas e que não está disponível para cunhar novos lexemas produtivamente. [...] Nenhum significado claro pode ser associado a esses segmentos, embora nas línguas das quais provêm (latim ou grego) possam ser identificados como morfemas plenos [...]” (FRADIN, 2000, p. 21, tradução nossa). No original: *A paleomorpheme [...] may be defined as a segment which can be obtained only on the basis of a paradigmatic series of lexemes and which is not available to coin productively new lexemes. [...] No clear meaning can be associated with these segments, although in the language they come from (Latin or Greek) they could be identified as plain morphemes [...]*.



---

significados não previsíveis (FELÍU ARQUIOLA, 2003). Quanto a esse fenômeno, Rosário e Oliveira (2016) trazem um comentário pertinente, que reproduzimos na sequência:

De uma forma geral, o fenômeno de mudança linguística aponta para a redução da composicionalidade, tanto sintática quanto semântica. Tal constatação significa que progressivamente o sentido das partes vai ficando cada vez mais opaco, assim como a formação morfossintática da construção. Em alguns casos, já nem se pode mais prever os significados primários que originaram uma nova construção na língua. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 246)

Afirma Spencer (1991, p. 44, tradução nossa) que “[...] o significado das palavras nem sempre é determinado composicionalmente. Em alguns casos, é a palavra como um todo que dá o significado, e a relação entre o sentido das partes e o significado do todo resultante pode ser obscura.”<sup>9</sup> Com Nunes (2005), temos consciência de que nos prefixos opacos não é evidente a composicionalidade, mas isso não lhes destitui o caráter de partículas mórficas — são derivadas unicamente desde um ponto de vista formal, já que não são transparentes desde um ponto de vista semântico, o que não lhes priva de seu caráter morfológicamente complexo (VARELA, 2005) —, ainda que apresentem pouca vitalidade e alguma inoperância na formação de novas palavras. Daí Dardano e Trifone (1996) terem caracterizado os *formativi fossili* justamente através de uma contraposição com os *formativi vivi*, apontando que enquanto estes podem mostrar-se imediatamente reconhecíveis, analisáveis e destacáveis pelos falantes (e por isso mesmo gozando de vitalidade na produção de novos derivados), aqueles frequentemente não são reconhecíveis como formantes pelos utentes, exceto se recorrerem à história da língua para obter tal analisabilidade, que nunca é uma questão de tudo-ou-nada, mas, sim, de escalaridade.

---

<sup>9</sup> No original: [...] *the meaning of words is not always determined compositionally. In some cases, it is the word as a whole which bears the meaning, and the relationship between the meaning of the parts and the meaning of the whole word can be obscure.*

---

Esse quadro de oposição *vivo X fóssil*<sup>10</sup> pode ocorrer, inclusive, para um mesmo formante, como o *-eiro, -agem, -ção, re-, bis-* e *sub-*, reconhecíveis em derivados como *tesoureiro, sabotagem, oposição, requentar, bisesdrúculo* e *subdesenvolvido*, mas fósseis em *janeiro, mensagem, fração, refulgir, biscoito* e *subúrbio*. O reconhecimento do caráter afixal, atrelado à *motivação* — entendida como o significado relacional ou relação semântica entre um derivado e a base léxica sobre a qual se formou (VARELA, 2005) — seria, assim, um dos indicadores relacionados ao grau de vitalidade/prolificidade dos formantes.

Não há dúvida que a questão da existência de prefixos opacos (tal como os expletivos, como se verá mais adiante) é polêmica, havendo muitos morfólogos que não encontrariam plausibilidade em tal proposição. Isso se daria principalmente para aqueles mais achegados à identificação estrita de morfema como signo mínimo, exigidor, portanto, de uma contraparte semântica identificável (ou mesmo biunívoca) pelo falante comum, sem quaisquer recursos à diacronia. Como não adotamos uma visão estrita de morfema, mas sim, como visto, uma mais ampla, no esteio das propostas de Pena (1995), vemo-nos livres para julgar como aceitável a existência de partículas opacas, que nada mais seriam que formantes atingidos por erosão semântica no fluxo diacrônico, sendo inexpletivas nas sincronias latinas, mas fossilizadas desde os primórdios da expressão romance.

Os prefixos opacos não deixam de ser prefixos pelo fato de não se detectar hodiernamente, de modo automático e composicional, o seu sentido<sup>11</sup>; e, mesmo

---

<sup>10</sup> Que não é tão estanque quanto possa parecer, pois um formativo historicamente desativado no léxico geral pode reativar-se, geralmente com base em uma ou várias palavra(s)-gatilho, com ou sem ressemantizações.

<sup>11</sup> Afirma Mascaró (2002, p. 473, tradução nossa): “Em algumas palavras, a perda da estrutura complexa não é total; às vezes, o único que se conserva em uma que fora originalmente complexa é a sua estrutura morfológica; é o caso dos denominados radicais polimorfêmicos (Mascaró, 1986: § 21), que não têm significado componencial, mas que por diversas razões podem ser considerados como formados por dois morfemas diferentes (*per + metre, ab + jecte, per + fecte* etc.).” No original: *En alguns mots la pèrdua d’estructura complexa no és total; de vegades, l’únic que s’ha conservat en un mot originàriament complex és l’estructura morfològica; és el cas dels que s’han anomenat*

---

sem chegar a seu sentido, o falante pode reconhecê-los (via inferência, comutação, associação etc.) como unidades prefixais<sup>12</sup>, já que é porosa a fronteira entre transparência e opacidade, não sendo noções de tipo binário (sim-não, tudo-nada), mas graduais (IACOBINI, 2004).

## 5 PREFIXOS EXPLETIVOS

A última categoria participante do *continuum* semântico prefixal é a que abrange os formativos expletivos<sup>13</sup>, que, mesmo sendo asemânticos (assemantizados), não deixam de possuir traços mórficos, não sendo simples próteses fonológicas eufônicas, analógicas ou antietimológicas. São expletivos, por exemplo, os prefixos que ocorrem nos seguintes derivados do português contemporâneo: *avoar* (~ *voar*), *aparafusar* (~ *parafusar*), *endoidecer* (~ *doidecer*), *engambelar* (~ *gambelar*), *emoldurar* (~ *moldurar*).

Dos autores que consultamos, três deles fazem referência à presença/ausência de carga semântica identificável nos elementos mórficos usando os termos *expletividade/inexpletividade* ou *expletivo/inexpletivo*: Costa (2010), Villalva (2008) e Pereira (1940). Como já apontado, os expletivos são aqueles destituídos de qualquer carga semântica identificável ou recuperável (daí se diferenciarem dos opacos, cuja carga semântica, ainda que não transparente, é recuperável através de uma recorrência à etimologia).

Se tomamos como ilustração os prefixos expletivos nas formas *alevantar* e *avoar*, por exemplo, poder-se-ia assumir a posição de que o *a-* inicial seria

---

*radicals polimorfêmics* (Mascaró, 1986: § 21), que no tenen significat componencial però que per diverses raons es poden considerar formats per dos morfemes diferents (per+metre, ab+jecte, per+fecte, etc.).

<sup>12</sup> Tal como se afirma na *NGLE* (RAE; AALE, 2009), na medida em que a cultura vocabular dos falantes é variável, também o podem ser a opacidade dos segmentos morfológicos ou a transparência das palavras derivadas consideradas.

<sup>13</sup> Das obras de linguística consultadas, a mais antiga que traz o uso de expletivo com o sentido adotado neste artigo é a *Pontos de gramática histórica*, de Coutinho (1938): “Expletivo é o que nenhuma ideia nova ajunta à palavra [...]” (COUTINHO, 1976 [1938], p. 176).

---

meramente uma prótese fonética. Há, contudo, pelo menos três razões que permitem um alijamento dessa postura:

A primeira razão: extrair um fonema a partir de uma análise mórfica é algo no mínimo incoerente, pois “[...] o morfema designa o elemento que não pode ser dividido sem que se passe ao nível fonológico ou gráfico [...]” (HENRIQUES, 2007, p. 10). Em outras palavras: de uma análise mórfica depreendem-se morfemas, não fonemas, pois somente aqueles se caracterizam como formativos morfológicos (PENA, 1995), como elementos que figuram e atuam nos processos de flexão e formação de palavras.

A segunda razão: esses segmentos são utilizados na construção de formações em série, integrando o sistema da língua, o que ratifica a inserção dessas unidades no âmbito dos esquemas morfológicos, algo corroborado pelo fato de o falante com algum conhecimento metalinguístico sistemático (e ainda mais o estudioso da língua), valendo-se de sua capacidade analítica de depuração morfológica, semântica e lexical (CALÇADA, 1991), poder identificar ou intuir — indutiva ou dedutivamente — o caráter morfológico dessas partículas.

A terceira razão, talvez a mais importante: para os morfemas, há uma inserção recorrente em posições previsíveis pelo sistema morfológico, diferentemente dos fonemas, que não possuem uma distribuição paradigmática tão estruturada (SOLEDADE; LOPES, 2015).

Morfemas asemânticos são atípicos, como assinala Silva (2004), mas nem por isso deixam de ser morfemas<sup>14</sup>. Quanto aos prefixos envolvidos nas formações parassintéticas (*lato* ou *stricto sensu*), consideramo-los com Coutinho

---

<sup>14</sup> Prefixos opacos, distintivos e expletivos são partículas destituídas de semanticismo autônomo — o falante comum não logra detectar neles qualquer veiculação de informações semânticas conceptuais (RODRIGUES, 2016) —, mas não despojadas de morfemicidade (propriedade gradual que não se funda apenas em marcas de ordem semântica, mas também em atribuições gramaticais e funcionais), visto que sua razão de ser consiste “[...] não na atribuição de uma carga semântica ao lexema em que se integram, mas na estruturação morfológica da própria identidade do lexema, ou na estruturação do paradigma a que aquele pertence.” (RODRIGUES, 2016, p. 45).

---

(1976 [1938])<sup>15</sup> e Lopes (2015) também como expletivos<sup>16</sup>, salvo raras exceções (e.g., *desfolhar*), coadunando-nos ao pensamento de Villalva (2008), quando afirma que:

Com efeito, não é fácil atribuir uma função gramatical ou semântica aos prefixos que ocorrem nas construções parassintéticas, razão pela qual se podem caracterizar como expletivos. Talvez essa vacuidade semântica permita compreender a ocorrência e até mesmo a frequência de palavras não sancionadas pela norma lexical, como *deslargar* ou *amandar*. (VILLALVA, 2008, p. 134)

Devemos esclarecer que expletividade prefixal não é um fenômeno exclusivamente românico, já que remonta ao latim. Batllori e Pujol (2010) exemplificam o que consideram como uma *dessemantização geral* do prefixo (termo usado pelas autoras) através de pares latinos como *exercitum ducere* / *exercitum adducere* (ambos os verbos com o sentido de ‘guiar um exército, marchar à sua frente’) e *capere non possunt* / *auribus accipere* (tendo *capere* e *accipere* idêntico significado, ‘ouvir’). Outros exemplos nos são dados por Romanelli (1964): *dealbo*, ‘branquear’; *deauo*, ‘dourar’, *ementior*, ‘mentir’; *evincio*, ‘cingir, atar, ligar’, *illaboro*, ‘trabalhar’; *illuceo*, ‘luzir, brilhar’; *inunguo*, ‘untar, ungir’ etc.

É de pasmar que o utente da língua, indo em direção oposta à economia linguística, opte, recorrentemente (ontem e hoje), pela criação de derivados sem qualquer diferenciação semântica substancial em relação a um corradical não-prefixado (em uso ou de criação virtualmente possível). Como sinalizam Rio-Torto e Lopes (2019), isso talvez se deva a uma conjuntura de fatores, dentre os quais a existência de esquemas construcionais distintos em concorrência

---

<sup>15</sup> Esse linguista histórico (1976) arrola como exemplos de expletivos justamente formas prefixais enquadradas em esquemas parassintéticos, como *encurvar*.

<sup>16</sup> Mais propriamente, quase sempre expletivos, pois, extraordinariamente, em algumas formações, o prefixo parassintetogênico parece contribuir com alguma informação semântica, como nos seguintes derivados: *decepar*, *desfolhar*, *descascar*, *enlatar*, *embarcar*, *encostar(-se)*, *endinheirado*, *espraiar*, *esgalhar*, *espolgar*, *esmurrar* etc.

---

(verbalizações prefixadas X verbalizações não-prefixadas); a influência do latim, de onde o vernáculo decalca, em boa parte, os esquemas geradores de expletividade e flutuação; os valores semânticos pouco robustos e constantes dos prefixos implicados nessas operações (*a-*, *en-* e *de-*, sobretudo, mas também *com-* e *es-*); bem como o contexto de acentuada liberdade normativa que plasmava os usos medievais ou os contextos atuais onde tais variantes asemantizadas ocorrem, naturalmente caracterizados por vacilações, alternâncias e maior liberdade criativa.

Poder-se-ia defender que os expletivos nada mais são do que formas resultantes de um processo de esvaziamento semântico (tal como os formantes de sentido opaco), o que corroboraria a hipótese de o prefixo (e qualquer outro tipo de morfema) ser sempre uma partícula que agrega significação à base a que se coaduna. Contudo, isso fica posto de lado, dado que ocorrem em diversos documentos perscrutados no galego-português e no castelhano arcaicos (e também no latim, como indicado anteriormente), às vezes em um mesmo parágrafo, lexemas corradicais com e sem prefixo, mas com idêntico significado, o que comprova, para os casos observados, a expletividade desses formantes prefixais. Assim, há uma variação livre — *flutuação corradical sinonímica*, nas palavras de Rio-Torto e Lopes (2019) — entre vários pares de lexemas com e sem prefixo, sem que haja qualquer diferenciação semântica entre as duas formas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito dos acidentes que atingem as duas últimas classes de formantes, a opacidade e expletividade semânticas, cabe ecoar ainda uma observação, tomada de Lopes (2013): mesmo que sejam processos que possam, a princípio, parecer idênticos (pois em ambos a partícula linguística se revela

---

destituída de qualquer informação quanto ao significado e ao sentido), trata-se de coisas distintas.

Isso porque os expletivos mostram-se asemantizados *per se*, ou seja, desde os seus primeiros usos não veiculavam matizes semânticos<sup>17</sup>, ocorrendo, muitas vezes, pares lexicais em que uma forma apresentava o expletivo e a outra não (p. ex., *dependurar* ~ *pendurar*), mas possuíam significação idêntica ou de grande similitude. Já as unidades de sentido opaco assim se manifestam na sincronia observada por serem resultantes de um processo de esvaziamento semântico, ocorrido no percurso evolutivo da língua, tendo como causadores as vicissitudes temporais e mecanismos intralinguísticos difíceis de precisar.

Como diversas operações derivativas presentes no repositório lexical do vernáculo tiveram a sua aplicação em momentos recuados de sua constituição histórica, ou mesmo antes dela, ocorrendo na própria língua matriz, o latim, houve algumas dessemantizações, ao lado de formas cujo sentido ainda subsiste praticamente intacto ou, quando transmudado, apenas com algumas modificações de ordem metafórica ou metonímica, por exemplo. Sem dúvida, como divisa Borba (2003, p. 166), “A circulação do léxico marca-se por um jogo de opacidade e transparência semânticas, esta como meta desejada e aquela como resultado imprevisto.”.

Efetivamente, a classificação e a natureza dos formantes prefixais nada tem de simples, o que leva Gonçalves (2012) e Nunes (2005) a defenderem como opção mais coerente para a observação do conjunto de prefixos no português a análise de cada um desses elementos, um por um, já que cada um deles acaba apresentando particularidades muitas vezes acentuadas, sejam de ordem formal, semântica, distribucional, fonológica ou categorial.

---

<sup>17</sup> Mattos e Silva (2008) sinaliza a existência de alguns derivados cunhados no português arcaico cujo prefixo não tem qualquer implicação semântica, como, *e.g.*, *deserradas*, *defalecimento* e *defedorento*. Lopes (2018) arrola outro tanto para esse período, como *abeirar* ('beirar'), *abastar* ('bastar') e *acoller* ('colher'), entre muitos mais.



---

Em muitas derivações via prefixação, no acoplamento do prefixo a uma base lexical, observamos a alteração no sentido desta, com o item afixal denotando ‘reforço’, ‘negação’, ‘repetição’, ‘antonimização’, uma ordem estilística ou uma nuance apreciativa, entre outros matizes semânticos (DOLINSKI, 1993). Contudo, como já afirmamos, há casos em que a carga semântica do prefixo não é depreensível, pois se tornou opaca, e ainda outros em que “[...] há falta de significação, como em *alevantar*, cujo *a-* afixado a base verbal foge à característica do prefixo como elemento significativo. Também há neutralidade de significado quando o *des-* é reforçativo, como em *desinfeliz* e *desinquieta*.” (DOLINSKI, 1993, p. 11-12). Esse comportamento díspar das unidades mórficas a respeito de sua função semântica corrobora a natureza multifacética da prefixação, cuja riqueza também se reflete na complexidade e heterogeneidade que apresenta, seja em seus elementos, seja em suas operações.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Rosario; XOVE, Xosé. *Gramática da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 2002.
- BATLLORI, Montserrat; PUJOL, Isabel. Evolución de los derivados verbales con prefijo *a-* y *en-*: del latín al español clásico. In: ENCUESTRO DE MORFÓLOGOS ESPAÑOLES, 6., 2010. Vigo, *Actas...* Vigo: RETEM, 2010. p. 1-9.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CALÇADA, Guimar Fanganiello. A sistematização do enriquecimento vocabular: sinónimo e parassinónimo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5., 1990, Recife. *Anais...* Porto Alegre: ANPOLL, 1991. p. 195-201.
- COSTA, Sirlênia Antonia Rodrigues. Aspectos morfológicos da fala popular em Corumbá de Goiás. *REVELLI*, Inhumas, v. 2, n. 2, p. 19-37, 2010. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/2850>. Acesso em: 4 out. 2020.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976 [1938].
- DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *La lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1996.
- DOLINSKI, José Tadeu. *Aspectos morfossintáticos, semânticos e estilísticos dos prefixos negativos na formação de palavras em português*. 1993. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná,



---

Curitiba, 1993. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24384>. Acesso em: 4 out. 2020.

FELÍU ARQUIOLA, Elena. *Morfología derivativa y semántica léxica: la prefijación de auto-, co- e inter-*. Madrid: UAM Ediciones, 2003.

FRADIN, Bernard. Combining forms, blends and related phenomena. In: DOLESCHAL, Ursula; THORNTON, Anna. *Exagrammatical and marginal morphology*. Muenchen: LINCOM Europa, 2000. p. 11-59.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma velha polêmica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 56-90, 2012. Disponível em: <https://www-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22625>. Acesso em: 4 out. 2020.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

IACOBINI, Claudio. Prefissazione. In: GROSSMANN, Maria; RAINER, Franz (Ed.). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004. p. 97-163.

LANG, Mervyn. *Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Trad. de Alberto Miranda Poza. Madrid: Cátedra, 1992.

LIEBER, Rochelle. English word-formation processes. In: ŠTEKAUER, Pavol; LIEBER, Rochelle. *Handbook of word-formation*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 375-428.

LOPES, Mailson. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. 5v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29879>. Acesso em: 4 out. 2020.

LOPES, Mailson. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.

LOPES, Mailson. A parassíntese *lato e stricto sensu* na primeira fase do português arcaico. In: HORA, Dermeval da et al. *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 969-1012. Disponível em: [http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/ALFAL\\_50\\_anos.pdf](http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/ALFAL_50_anos.pdf). Acesso em: 4 out. 2020.

LOPES, Mailson. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. 2v. 943 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15537>. Acesso em: 4 out. 2020.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Ende e hi no período arcaico do português. In: COSTA, Sônia Bastos Borba Costa; MACHADO FILHO, Américo

- 
- Venâncio Lopes (Org.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 83-113.
- MASCARÓ, Joan. Morfologia: aspectos generals. In: SOLÀ, Joan et al. (Org.). *Gramàtica del català contemporani*. 3. ed. Vol. I. Barcelona: Empúries, 2002. p. 467-482.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: INCM, 2008.
- NUNES, Suzana Margarida da Costa. *Prefixação espaço-temporal na língua portuguesa*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005. Disponível em: [https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/06/premio\\_apl2006.pdf](https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/06/premio_apl2006.pdf). Acesso em: 4 out. 2020.
- PENA, Jesús. *Sobre la definición del morfema*. LEA, Madrid, n. XVII, v. 2, p. 129-141, 1995.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1940.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE); ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA (AALE). *Nueva gramática de la lengua española — NGLE*. Vol. I. Madrid: Espasa, 2009.
- RIO-TORTO, Graça; LOPES, Mailson. Fluctuación prefijal en el gallego-portugués y en el castellano medievales. *Estudos de Lingüística Galega*, Santiago de Compostela, v. 11, p. 103-136, 2019. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/5105>. Acesso em: 4 out. 2020.
- RIO-TORTO, Graça. Prefixação. In: RIO-TORTO, Graça et al. (Coord.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 357-389. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13485/3/Gram%C3%A1tica%20Derivacional.pdf>. Acesso em: 4 out. 2020.
- RODRIGUES, Alexandra Filipa Soares. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, Graça et al. (Coord.). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 35-133. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13485/3/Gram%C3%A1tica%20Derivacional.pdf>. Acesso em: 4 out. 2020.
- RODRIGUES, Alexandra Filipa Soares. Formação de substantivos deverbiais sufixados em português. 2007. 1143 f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.
- RODRÍGUEZ PONCE, María Isabel. *La prefijación apreciativa en español*. Cáceres: UNEX, 2002.
- ROMANELLI, Rubens. *Os prefixos latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

---

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 4 out. 2020.

SANTANA, Davi de Oliveira. *Prefixos derivados de preposições em textos de língua portuguesa do século XVII até a contemporaneidade*. 2007. 214 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11640>. Acesso em: 4 out. 2020.

SILVA, Ana Paula Araujo. Uma questão de terminologia gramatical: a classificação dos morfemas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro, *Cadernos...* Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2004. p. 1-8. [Vol. XIV].

SOLEDADE, Juliana; LOPES, Mailson. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (Org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 429-461.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

STEHLÍK, Petr. *Aspectos problemáticos de la prefijación en español*. Brno: Masarykova Univerzita, 2011.

TOURNIER, Jean. *Introduction descriptive à la lexicogénétique de l'anglais contemporain*. Genève: Slatkine, 1985.

VARELA, Soledad. *Morfología léxica: la formación de palabras*. Madrid: Gredos, 2005.

VARELA, Soledad; MARTÍN GARCÍA, Josefa. La prefijación. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. p. 4993-5040.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, Alina. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

## O AUTOR E O PPGLinC

### **Mailson Lopes**

Professor de Língua Espanhola na Universidade Federal da Bahia (UFBA), de 2013 até o presente. Possui mestrado (2013) e doutorado (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA), sendo este último em regime de cotutela com a Universidade de Coimbra. Aquando discente do mencionado programa, foi representante estudantil dos mestrandos, vogal e revisor do corpo editorial da Revista Inventário, partícipe do Tempós — projeto especial de promoção de eventos acadêmicos da Pós-Graduação em Letras da UFBA — e membro de diversas comissões, como a de reestruturação da página

---

web do PPGLinC e a de levantamento de todas as teses e dissertações defendidas no âmbito da pós-graduação do Instituto de Letras da UFBA, de 1979 a 2012. No seio do PPGLinC, encontrou uma atmosfera propícia para se aprofundar em seus estudos no campo da Linguística Histórica, sob a condução de exímios mestres, a exemplo da Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva (in memoriam). Seguindo a sua formação na graduação e pós-graduação, tem se dedicado a investigações no âmbito da Linguística Histórica, com ênfase em Morfologia, Semântica e Lexicologia das línguas ibero-românicas, especialmente nos seguintes temas: formação de palavras, famílias lexicais e nomes próprios personativos.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de outubro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 16 de dezembro de 2020.